

LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: MEMÓRIA E IDENTIDADE NO CONTO «OLHOS D'ÁGUA» DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Andreine Lizandra dos Santos

Universidade Feevale ERS-239, 2755
Novo Hamburgo, RS - CEP 93525-075, Brasil
santos.andreine@gmail.com

Afro-Brazilian literature: memory and identity in the tale «Olhos d'água» by Conceição Evaristo

Abstract: This article briefly analyses the short story by Conceição Evaristo entitled “Olhos d'água” (Eyes of water) (2014), from the perspective of memory and identity. Memory and identity are inseparable, the first representing the ability to preserve certain information and identity, characteristics that allow people or things to be individualized. Thus, memory brings together the processes of identity, allowing the construction of the past and its re-signification. To do so, the theoretical considerations of scholars such as Duarte, Hall, Hutcheon, Candido, and other authors are used. Regarding the analyses, it is important to note that the short story is part of Afro-Brazilian literature and that it considers aspects such as issues of race, sexuality, and social inequality. In addition, memory and identity the representation of the black population through the stereotypes that are presented being questioned. In this way, memory becomes a source capable of weaving narrative threads, which in turn will bring back memories of the past, enabling the construction of an identity that circulates among the characters involved in the narrative. It is important to find matrices that lead to an apparent origin of a past that was previously erased, in order to feel that it belongs to history and not only be in the world, but in its rightful place.

Keywords: Conceição Evaristo; Afro-Brazilian literature; memory; identity

Resumo: Este artigo analisa de forma breve o conto de Conceição Evaristo, intitulado «Olhos d'água» (2014), sob o prisma da memória e da identidade. Memória e identidade são indissociáveis, sendo que a primeira representa a capacidade de conservar certas informações e a identidade, características que permitem que se individualize as pessoas ou coisas. Assim, a memória aglutina os processos de identidade, permitindo a construção do passado e a sua ressignificação. Para tanto, recorre-se às considerações teóricas

de Duarte, Hall, Hutcheon, Candido e outros autores para as devidas considerações de análise. Em relação às análises é importante salientar que o conto integra a literatura afro-brasileira e que consideram aspectos como questões de raça, sexualidade e desigualdade social. E que a memória e a identidade mostram a representação da população negra questionando os estereótipos apresentados. Dessa forma, a memória torna-se uma fonte capaz de tecer fios narrativos, que por sua vez, trarão as lembranças de um passado, propiciando a construção da identidade que circula entre os personagens envolvidos na narrativa. Importa encontrar matrizes que levem a uma aparente origem de um passado antes apagado, a fim de sentir-se pertencente a história e não estar só no mundo, mas em seu lugar de direito.

Palavras-chaves: Conceição Evaristo; literatura afro-brasileira; memória; identidade

1. Introdução

Segundo Eduardo de Assis Duarte, só foi a partir de fins dos anos 1970, quando a Literatura Afro-Brasileira passou a estudar e interpretar escritores e escritoras que começaram a assumir a noção de pertencimento étnico (2005). Nesse contexto histórico-cultural, destaca a escritora Conceição Evaristo, mineira, que publicou o livro *Olhos d'água* em 2014, constituído de quinze contos, alguns publicados, previamente, nos famosos *Cadernos Negros*, os quais trazem personagens e situações do cotidiano da comunidade negra/afro-brasileira urbana. São contos de temática contemporânea, em que os personagens são indivíduos estigmatizados e excluídos, se apresentando em situações diferenciadas: as personagens são pobres, negros, pessoas assinaladas pela insignificância no espaço social e vivendo em situações limite. A apresentação de tais demandas coloca o negro em situação de visibilidade, provocando uma crescente reflexão acadêmica por meio de inúmeras pesquisas. Conforme Silva (2014), a cultura afro-brasileira incorpora traços europeus e indígenas, e tal intercâmbio formou uma cultura rica e única, embora as singularidades que marcaram suas trajetórias. Trata-se de uma herança que avançou mares, transformando o Brasil em uma grande mistura racial e cultural.

Obras como a de Conceição Evaristo vem colocar o negro na literatura brasileira, isto é, apresenta as vozes da periferia a partir do eco de suas memórias, reafirmando sua história cultural, antes silenciada. Nessa direção, encontra-se o pensamento de Hall (2006), que reafirma em seus estudos a importância da cultura na construção das identidades. No breve conto «Olhos d'água» as memórias são tão vivas que conversam com a voz narradora, e resgatam muito mais do que as lembranças dela. Por isso, há momentos em que a narradora pode ser confundida com a autora da história, dada a vividez da narrativa e o caráter autoficcional do conto. E, além disso, percebem-se as identidades que Hall declara quando se internalizam significados e valores, que contribuem para colocar no caminho os sentimentos das pessoas (cf. Amormino 2007).

Uma das formas em que a memória se faz presente no conto é através da narradora que, ao voltar para o lar, resgata sua identidade. A todo o momento, suas lembranças vêm à tona e são importantes para que ela se reconheça na matriz afro-brasileira. A autora Conceição Evaristo tem feito um exercício literário em que

o negro passa a ser sujeito da cultura brasileira. Dessa forma, o leitor defrontasse com a busca e a garantia de que a memória afro-brasileira não seja esquecida e faça parte da identidade nacional, expressando visões de mundo próprias.

2. A literatura afro-brasileira e Conceição Evaristo

Antonio Candido considera que somente pelos idos de 1760, quando a capital do Brasil foi transferida para o Rio de Janeiro e a vida urbana começa a ser incluída no rito de vida brasileira, é que as transformações culturais começam a ocorrer para que se possa falar de uma incipiente literatura brasileira (1999). Os relatos da literatura, até então, eram variados e, segundo Candido, o Indianismo foi somente referenciado, porque, na visão dos portugueses, representava algo novo, um país que nascia e por isso virtuoso, digno, encantador e nobre. Por outro lado, a figura do negro era imprópria de ser representada na Literatura Brasileira. O negro tinha um *status* unicamente servil. Proença Filho traz, ainda, uma visão distanciada do negro na literatura, em que a denominação do negro recaía àquele que vem da África, comprado, e ao descendente de negro, já nascido no Brasil, fruto das miscigenações que aqui ocorreram ou mesmo da descendência africana (2004). E quando o negro aparece como representação em muitos temas, é apresentado pela mediação do olhar do homem branco, que o faz a partir da sua ideologia, de seu juízo, estabelecendo este-reótipos que se estendem social e historicamente.

Segundo Proença Filho, a presença do escravo na literatura se deu no século XIX, com *Escrava Isaura* (1872), de Bernardo Guimarães. No romance, há a tentativa de branqueamento, já que a escrava nasce branca, apesar de ser fruto de pai branco e de uma mãe negra. Proença Filho cita, em vários momentos, a presença de afro-brasileiros na literatura brasileira (2004). Destaca, por exemplo, a importância de Cruz e Souza, poeta negro simbolista, que Proença Filho comenta de forma brilhante:

Filho dessa África que ele chama ainda de «gemente, criação calorosa e sanguinolenta de Satãs rebelados», «grotesca e triste, melancólica gênese assombrosa de gemidos», «África de Suplícios, sobre cuja cabeça nirvanizado pelo desprezo do mundo Deus arrojou toda a peste letal e tenebrosa das maldições eternas», que lhe resta? ele mesmo responde, com a saída pela evasão: deixar-se «para sempre perdidamente alucinado e emparedado dentro do teu Sonho» (Proença Filho 2004: 173).

Tal passagem, retirada do livro *Evocações*¹, de Cruz e Sousa, retrata de forma direta a ideologia presente na época, que era a de total refreamento da miscigenação, visto como ser uma espécie de «resto» da mistura que forjou a nação brasileira. Aqueles negros que se misturaram com os povos que vieram de vários locais do mundo se tornaram mestiços, representantes impuros da nova terra, pois não apresentavam uma descendência única. E ainda, Cruz e Souza aponta para os trezentos anos em que o Brasil realizara o tráfico negreiro, o que resultou na presença maciça do negro na construção identitária, cultural e econômica da nação brasileira. O autor ainda

¹ Para as dramáticas citações de Cruz e Souza citadas por Proença Filho, cf. João da Cruz e Sousa (1960), *Evocações*, em *Obra completa*, Rio de Janeiro: J. Aguilar, 651 e 662-663.

usa a palavra «sempre», com o sentido de valoração para mostrar que as angústias e terríveis massacres passados pelos negros são marcas da memória. Marcas que não foram caladas e ficaram cravadas na identidade de toda uma etnia. Interessa notar que, para pesquisadores como Stuart Hall, a memória é a reconstrução do passado sem o peso crítico, levando em consideração elementos parciais ou limitados de caráter informativo (2006).

Como se apontou, mesmo que suscintamente, a Literatura Brasileira limitava e excluía a figura do negro, em especial, pelo fato de ter sido escravo, o que claramente deixaria marcas difíceis de serem reparadas. De acordo com Duarte, o que colabora na dimensão de uma Literatura Afro-Brasileira é o resgate da história do negro na diáspora brasileira, cruzando a escravidão e todas as consequências dessa, bem como os heróis que lutaram pela libertação das pessoas escravizadas desde o primeiro tráfico negreiro (2008, 2010, cf. também Silva 2014). Nesse aspecto, a questão da memória do passado negro é fundamental, recriando sua história a partir de suas próprias representações. Tal rememoração tem início na representação do passado em terras africanas, recriada com a miscigenação em terras brasileiras.

De acordo com Zilá Bernd, somente na década de 1970 é que começa a se pensar em um enunciador negro para a preservação da origem africana (2010). Igualmente, surge a ideia de se pensar no termo literatura negra. A estudiosa também declara que a literatura pode ser considerada afro-brasileira se tem como tema o negro na sociedade, a representação de suas memórias, de suas tradições culturais e religiosas. Tais textos passam a trazer denúncias e conformam atos de resistências, emergindo um enunciador negro, que, através de seu «eu», traz a oralidade de sua cultura, marcada por um imaginário que resgata sua memória e identidade. Duarte afirma, ainda, que a pele, como cor, somente importa se a «literatura é discursividade enquanto tradução textual de uma história coletiva e/ou individual» (2008: 15).

Voltando ao panorama histórico, a Literatura Afro-Brasileira dá seus primeiros sinais quando os escritores passam a denunciar questões de discriminação e racismo sofridas pelos negros. Por isso, o destaque para autores como Lima Barreto, Cruz e Sousa, Luís Gama, entre outros, que incorporaram aspectos da cultura africana em seus textos. No século XX, tal fato ganha maior dimensão, com a presença e voz de novos escritores afro-brasileiros, ainda que a ideologia branca seja a dominante no universo das instituições acadêmicas e culturais do país.

Nesse contexto, centramos a nossa atenção na autora Maria da Conceição Evaristo de Brito, que se estreitou na literatura em 1990. Nascida em uma favela, em Belo Horizonte/MG, Evaristo trabalhou como babá e faxineira, cursando a escola do chamando curso normal. Mais tarde, no Rio de Janeiro, entrou para a Universidade Federal do Rio de Janeiro, graduando-se em Letras. Lecionou na rede pública fluminense e se aposentou em 2006. Nesse período, a autora cursou o mestrado e doutorado, escrevendo poemas e contos, muitos destes presentes nos *Cadernos negros*. O livro *Olhos d'água* é o escolhido, aqui, para análise da sua escrita, focando o nosso interesse no conto que dá nome à coletânea.

3 Memória e identidade no conto «Olhos d'água»

Olhos d'água, como já referido, é um livro de contos escrito pela autora afro-brasileira Conceição Evaristo. O livro consta de 15 contos curtos, muito breves, em que a escritora aborda temas do cotidiano, como a pobreza, a violência e o preconceito, apresentando sentimentos de dor e sensações do dia-a-dia. As protagonistas são femininas, negras, mestiças, trabalhadoras e batalhadoras, que enfrentam inúmeras dificuldades, dentre elas a criação dos filhos. A presença secundária de maridos, filhas, avós, mães, entre outros, igualmente ocorrem no decorrer das histórias. Vem a ser evidente que o livro *Olhos d'água* busca desenvolver discussões a respeito da causa negra, principalmente ao colocar a mulher no contexto brasileiro, já que esta sofre um preconceito duplo, por questão de raça e de gênero.

A mulher negra foi esquecida pela história, pois, percebe-se que até hoje ela é perseguida pela desigualdade de raça e de gênero, como confirma Núbia Moreira (2016). Consequentemente, mulheres têm maiores dificuldades no momento de se inserirem em posições de relevo na sociedade, como por exemplo, no mercado de trabalho. Porém, muitas mulheres negras ainda ficam atrás das mulheres brancas e precisam desenvolver inúmeras habilidades a fim de ultrapassar barreiras, manterem-se saudáveis e sobreviver ao racismo nos ambientes em que trabalham. Os estereótipos de discursos de pobreza, raça e sexo, acompanham a maioria dos paradigmas dos sujeitos, e geram várias interpretações, causando prejuízos nas leituras que circulam, principalmente, no que se relacionam à identidade do sujeito, podendo gerar um aculturamento inesperado. Lélia Gonzalez articula o racismo com o sexismo, que, segundo ela, produz efeitos violentos, dando uma imagem de mulata hipersexualizada ao tempo que de doméstica (1984). Segundo a mesma autora, essa personificação da mulher negra como objeto sexual ou como empregada, mostra o lugar que ela ocupa na sociedade, que é de inferioridade. Reivindica Gonzalez, por isso, que é preciso desconstruir essa visão que os brancos colonizadores montaram sobre os corpos femininos negros. E segundo Gonzalez, o racismo pode apresentar duas formas para manter a exploração, o racismo aberto e o disfarçado (1988). O aberto é comum nos países de origem anglo-saxônica, enquanto o disfarçado ocorre nos países de origem latina. No Brasil, percebe-se o disfarçado, oriundo da miscigenação, de teorias da assimilação e da democracia racial. A autora declara, ainda, que com isso as práticas advindas dele são cruéis, pois justifica-se pela crença numa miscigenação e de que não há racismo no Brasil. Ou seja, existe um disfarce sobre um racismo que foi construído ao longo da história.

Nesse contexto, Santana e Barzotto defendem que a história e literatura sempre foram vistas, ora como verdade, ora como ficção (2018). Alguns teóricos, como Linda Hutcheon, apresentam novos paradigmas de análise, na linha da Pós-Modernidade (1991). Tais paradigmas têm trazido reflexões e contribuições, no que se relaciona à memória e à contribuição para a história e na constituição da identidade. É o caso dos escritos de Conceição Evaristo, que ela mesma denomina de *escrevivências*, pois abordam temas que possuem similaridades com a vida das pessoas. Ela se utiliza do cotidiano como um todo, a obra apresenta como espaço de representação o mundo

contidiano das favelas sendo, assim, uma clara expressão da desigualdade social do Brasil. A própria autora negra se vê como protagonista, em uma linha autoficcional, já que vivenciara a experiência de ser moradora de favela e trabalhou como doméstica para sobreviver à desigualdade.

O livro *Olhos d'água*, segundo Cruz (2015), apresenta o presente e o passado, na perspectiva feminina afro-brasileira, misturando a memória afetiva do indivíduo e sua comunidade. A abordagem do presente trabalho recai sobre o primeiro conto, «Olhos d'água», que dá título à obra. Neste, há o relato do sofrimento de uma mulher negra, pobre, que faz enormes sacrifícios para cuidar dos filhos. Nessa perspectiva, destaca-se o seguinte trecho do conto

Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe? Atordoada, custei reconhecer o quarto da nova casa em eu que estava morando e não conseguia me lembrar de como havia chegado até ali. E a insistente pergunta martelando, martelando. De que cor eram os olhos de minha mãe? Aquela indagação havia surgido há dias, há meses, posso dizer. [...] de que cor seriam os olhos de minha mãe. E o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusativo. Então eu o sabia de que cor eram os olhos de minha mãe? (Evaristo 2014: 11).

A personagem aparentemente acorda de repente de um sonho em uma noite, e tenta lembrar a cor dos olhos de sua mãe, e, por diversas vezes, se faz a mesma pergunta, qual era a cor dos olhos da mãe. Tal memória é recorrente, tornando-se algo que a incomoda, o que parecia um sonho se torna uma memória reprimida. A memória é importante para a construção da história e da identidade e, segundo Santana e Barzotto (2018), a memória traz um fato do passado e está ligada ao esquecimento, que como a identidade tem seus antagonismos, já que quando se recorda algo é porque se esqueceu de outras coisas.

A narradora busca apresentar nesta passagem o que Candau declara tratar-se de uma celebração do passado, uma representação de pertencimento, nostalgias múltiplas e paixões identitárias, a autenticidade de sua origem (2008). E com isso, pode-se apresentar a busca de sua identidade no seguinte trecho:

Sendo a primeira de sete filhas, desde cedo busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de minha mãe, aprendi a conhecê-la. [...] Naquele momento, entretanto, me descobria cheia de culpa, por não recordar de que cor seriam os seus olhos. Eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela. [...], alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa, [...] Mas de que cor eram os olhos dela? [...]. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. [...] pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida (Evaristo 2014: 11-12).

As lembranças foram, aos poucos, voltando para a narradora, ao relembrar que era a primeira das sete filhas, que a sua adolescência não existiu, praticamente, já que teve que trabalhar desde cedo. Recorda, igualmente, que estava sempre ao lado da mãe, de seu corpo, das brincadeiras. Em sua memória as dificuldades que a mãe

enfrentava no sustento da família, e, mesmo assim, encontrava tempo para brincar com suas irmãs. Havia momentos de beleza, de angústias, contudo, conformavam uma família no sentido mais clássico e tradicional do termo. Como defende Hall, as paisagens culturais estão se fragmentando na pós-modernidade, diferentemente do passado, quando era mais fácil localizar-se nas coordenadas espaço-temporais (2006). Para este autor, as identidades começaram a se transformar a partir do século XX, pois elas estão se movimentando para lugares diferentes, em virtude da identidade cultural.

A identidade da mãe está presente na memória da narradora, em todo o conto. A lembrança do lugar onde ela havia nascido e as comidas preparadas fazem parte da sua memória, assim como a história familiar se revela com nitidez em suas lembranças. Porém, uma questão sempre reaparece em suas recordações: qual seria a cor dos olhos de sua mãe? Pode-se interpretar, que Evaristo utiliza suas *escrevivências* como uma das formas de pertencimento identitário, porém, na pessoa da narradora, ou seja, a busca da identidade é da narradora-personagem. De acordo com Hall, é possível pensar a identidade a partir do reconhecimento étnico-racial, estendendo-se às questões linguísticas, religiosas e nacionais (2006). A narradora tem consciência do seu nascimento e da origem histórica da sua mãe, como mostra o trecho citado acima, o que a faz sentir-se especial, assim como sua mãe. De outro modo, reconhece que lapsos de memória podem ocorrer a qualquer um. Outro elemento importante é que a identidade da narradora se integra com a da mãe. Ocorre, nesse caso, o que Hall descreve como sendo «a perda de um sentido de si», porém, nesse caso a personagem-narradora vivencia em conjunto com a mãe (2006). A narradora aponta o lava-lava, o passa-passa para mostrar o cotidiano da mãe, que realizava seu trabalho para o sustento das filhas, mas, ao mesmo tempo, organizava-se para brincar e contar histórias para elas. Trata-se de uma narrativa em primeira pessoa, que entra no âmbito da autoficção, jogando com dados biográficos da autora, que o leitor conhece, inevitavelmente, ao ler a orelha do livro. O leitor é convidado a conhecer as memórias da narradora, sua infância, as lembranças mais profundas, as sensações pelas quais passara, como a comida preparada pela mãe, de cheiro nenhum, e esse leitor percebe uma proximidade factual com a vida a própria autora. Aqui a comida se transforma em proteção, amor, e não no cheiro real exalado após preparo realizado pelas chamas de um fogão. Esse fogão era o coração da mãe que acalentava e encantava os dias em famílias, era o sustento da alma, alegorias usadas a fim de mostrar a proteção do feminino. A mãe é a proteção natural do filho, aquela que tem o poder de sobrepujar qualquer intempérie da vida. A fome, aqui, é descrita docemente, e a forma encontrada para distrair a fome e prosseguir com a vida era brincar. Ao rememorar suas lembranças, a narradora-personagem de «Olhos d'água» evoca as experiências que marcaram sua infância e, neste jogo de recordações, acaba por (con)fundir suas próprias memórias com as lembranças de sua mãe. Uma leitura atenta do conto permite entrever, através da sua escrita, que por meio das memórias são compartilhados valores e significados, construindo nossas identidades. Nesse sentido, a narradora se torna parte de todos, ocupando

o seu lugar no mundo cultural. A dinâmica da memória e da identidade se tornam surpreendentes no conto, na medida em que o leitor aguarda uma resposta, e o fluir da narrativa nos instiga a esperar pelo final.

E no restante do conto surgem novas respostas:

Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. [...] Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? [...] Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? [...] Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. [...] Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres de minha família. [...] entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? [...] Vivía a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás [...]. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! [...] Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. [...] Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma se tornam o espelho para os olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. [...] Eu escutei quando, sussurrando, minha filha falou: — Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos? (Evaristo 2014: 12-13).

Ainda no final do conto a angústia de não saber a cor dos olhos da mãe passa a ser intermitente. Diante de tal enigma, retorna à sua cidade natal, lembrando que, «A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água» (Evaristo 2014: 12). E ainda, «Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, água de Mamãe Oxum» (Evaristo 2014: 12). Ela compara sua mãe a Oxum, a deusa do amor, da beleza, da fertilidade, do dinheiro, das riquezas espirituais e materiais da vida, da sensibilidade, da sabedoria e do poder feminino. A narradora usa a figura mítica africana para mostrar o poder da ancestralidade, bem como o entoar de cantos do povo africano, o arar da terra, que ajudou na construção do Brasil com seu sangue e mão de obra. Oxum representa uma metáfora alegórica forte, de poder: a representação do feminino, a senhora protetora da vida, tudo o que a narradora via em sua mãe desde que ela e suas irmãs nasceram. A mãe era a imagem da mãe das mães, uma deusa em seu verdadeiro sentido.

Dessa forma, ela vê sua mãe como uma mulher forte, poderosa, que criou um grupo de mulheres para serem fortes também, já que viveriam em um mundo de desigualdades e intolerâncias. Estas seriam mulheres prontas para enfrentar o mundo desigual, de pobreza e discriminação de todos os tipos. E, por fim, sendo sua mãe uma rainha, vê em sua filha o mesmo olhar, a força da ancestralidade e a da mulher, heranças que lhe haviam sido transmitidas.

Os olhos da mãe são como um espelho e mostram um olhar para um mundo dentro de si, e os questionamentos percorrem este olhar. Esta hipótese de leitura é confirmada ao se estabelecer entre o seu retorno para casa a um ritual aos orixás: «Vivia a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser a descoberta da cor dos olhos de minha mãe» (Evaristo 2010: 18). Diretamente ligada à voz pública da autora Conceição Evaristo, a temática presente no conto dialoga com a identidade negra e com a ancestralidade, servindo-se da imagem dos

olhos para simbolizar esta união estabelecida entre passado, presente e futuro, que perpassa desde a avó até a neta.

Sua memória voltava-se para o passado, é lá que se encontra sua identidade, observando a cultura de sua mãe, de suas tias, reconhecendo a importância da ancestralidade, da cultura dos povos negros. As mulheres presentes em sua infância e as lembranças da memória representam as referências necessárias para a busca de sua ancestralidade. Mas somente com a resposta à sua pergunta é que descobrirá a sua raiz, a identidade que perdeu. Por isso, ao longo de todo o conto tenta construir o que está desconstruído, pois força a sua memória a buscar a resposta que tanto precisa. A memória era o motor que a leva para uma identidade social. Conforme Hall, reportando o quão humanos somos, a força da expressão da cultura é o que nos forja (2006). A personagem-narradora, ao mesmo tempo que busca pela cor dos olhos de sua mãe, passeia pelo tempo de sua própria história, da sua genealogia, pois «[v]ivia a sensação de estar cumprindo um ritual», trazendo consigo a fluidez de sua própria história, em que o tempo não está definido, mas apenas reconstrói o passado, e reconta uma história presente.

4 Conclusão

O final do século XX e início do século XXI vêm ocasionando mudanças no que diz respeito ao cânone da Literatura Brasileira. A Literatura Afro-Brasileira insere-se num universo antes não reconhecido pelos discursos acadêmicos e desconhecido por grande parte da cidadania brasileira. Literatura e história têm a memória como elemento que auxiliam na construção da identidade cultural de uma comunidade, e partindo da discussão da identidade é possível verificar o papel que o negro representa na estrutura da população brasileira. A interação ocorrida na formação de que se denomina povo brasileiro, ainda na atualidade, sofre com o preconceito racial, representado por memórias e marcas de um passado de escravidão que, ainda, permanecem. No Brasil, negros e indígenas passaram por um processo de resistência e com o tempo foram integrados ao conjunto da cidadania brasileira, mas mantendo sempre uma posição marginal na sociedade. A exclusão da escrita afro-brasileira é uma amostra dessa marginalidade, dessa ausência do cânone nacional, que sofre há tempos pelo branqueamento, fato que reduz a sua real complexidade.

Conceição Evaristo é uma das escritoras contemporâneas que mostra a identidade do negro, e, por isso, escreve sobre temas que envolvem mulheres negras e suas vidas no cotidiano. Note-se que suas histórias trazem a importância da memória na redescoberta de suas identidades, como é o caso do conto analisado. Nesse conto, a escritora procura incorporar breves aspectos da cultura africana, como citado Oxum, a deusa representante do feminino, personagem importante da história e cultura africanas, como forma de sobrepular os anos em que a memória e identidade culturais negras foram branqueadas ou silenciadas. Além disso, como se percebe, a Literatura Afro-Brasileira entra na história da cultura brasileira como meio de resistência. Da mesma forma, a questão de inferiorizar os mais pobres não é só direcionado aos negros, mas sim uma questão social de todos, independentemente

da cor da pele. A carga maior recaiu sob os negros, infelizmente, eis que já vieram escravizados a este país. O conto «Olhos d'água» mostra a importância e a necessidade de se trazer as memórias das identidades negras na constituição e valorização de suas histórias, ainda que descritas com dor e sofrimento.

Referências

- AMORMINO, Luciana (2007), «Identidade e memória: um olhar a partir dos Estudos Culturais», *Lumina* v. 1, n.º 2, dezembro, 1-15.
- BERND, Zilá (2010), «Da Voz À Letra: Itinerários da Literatura afro-brasileira», *Via Atlântica* 18, 29-41.
- CANDAU, Joel (2008), *Memoria e identidad*, tradução de Traducción Eduardo Rinesi, Buenos Aires: Ediciones Del Sol.
- CANDIDO, Antonio (1999), *Iniciação à Literatura Brasileira*, 3.ª ed., São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP.
- CRUZ, Adélcio de Sousa (2015), «Revelações de Olhos d'água», *O Tempo*, Caderno Magazine, 5 de abril, 5.
- DUARTE, Eduardo de Assis (2005), *Literatura, política, identidades*, Belo Horizonte: FALE-UFMG.
- DUARTE, Eduardo de Assis (2008), «Literatura afro-brasileira: um conceito em construção», *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea* 31, jan-jun., 11-23.
- DUARTE, Eduardo de Assis (2010), «Por um conceito de Literatura afro-brasileira», *Tercera Margem* 23, jul.-dez., 113-138.
- EVARISTO, Conceição (2014), *Olhos d'água*, Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional.
- GONZALEZ, Lélia (1984), «Racismo e sexismo na cultura brasileira», *Revista Ciências Sociais Hoje* 223-244.
- GONZALEZ, Lélia (1988), «A categoria político-cultural de amefricanidade», *Tempo Brasileiro* v. 92, n.º 93, jan.-jun., 69-82.
- HALL, Stuart (2006), *A identidade cultural na pós-modernidade*, 3.ª ed., tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro, Rio de Janeiro: DP&A.
- HUTCHEON, Linda (1991), *A poética do pós-modernismo*, tradução de Ricardo Cruz, Rio de Janeiro: Imago.
- MOREIRA, Núbia (2016), *Movimento feminista negro no Brasil*, Café Filosófico CPFL, 21 de nov., [vídeo em youtube] [13/05/ 2021].
- PROENÇA FILHO, Domicio (2004), «A trajetória do negro na literatura brasileira», *Estudos Avançados* v. 18, n.º 50, abril, 161-193.
- SANTANA, Cristian Paula – BARZOTTO, Leoné Astride (2018), «Literatura e História: expressões ficcionais ou reais?», *Palimpsesto* 27, ano 17, 16 -28.
- SILVA, Helder Kuiawinski da (2014), «A cultura afro como norteadora da cultura brasileira», *Perspectiva* v. 38, n.º 144, dezembro, 25-35.